

RESENHA

BRASILEIRO, Eduardo (org). **Realmar a Economia:**
a economia de Francisco e Clara. São Paulo: Editora Paulus, 2023.

Taize de Andrade Machado Lopes¹

“Uma nova economia, inspirada em Francisco de Assis, pode e deve ser hoje uma economia amiga da terra, uma economia de paz”.

Papa Francisco, em discurso no evento *Economy of Francesco* - setembro de 2022.

Ao percorrer as ruas de nossas cidades, a desigualdade socioeconômica do país torna-se visivelmente palpável. O contraste entre riqueza e pobreza não se limita a áreas urbanas específicas, mas permeia o centro da cidade e regiões periféricas. Nos bairros nobres, por exemplo, a disparidade se manifesta por meio de condomínios exclusivos e residências cercadas por altos muros. Essa observação não apenas reflete uma experiência pessoal, mas também encontra respaldo em diversos indicadores socioeconômicos do país.

O II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19, conduzido pela Rede Penssan em 2022, expôs uma realidade alarmante: cerca de 125,2 milhões de brasileiros enfrentavam insegurança alimentar e mais de 33 milhões se encontravam em um estado crítico de fome no período de estudo, que compreendeu o final de 2021 e início de 2022. Paralelamente, dados da Fundação João Pinheiro, publicados em 2022, indicavam que o déficit habitacional no Brasil alcançou a marca de 5,9 milhões de domicílios em 2019.

Estas estatísticas revelam um quadro preocupante, pois uma proporção considerável da população brasileira enfrenta desafios diários relacionados à insegurança alimentar e à falta de moradia adequada. Complementando esse cenário, o índice de endividamento familiar mostra uma trajetória crescente: enquanto em junho de 2020, a proporção de famílias endividadas era de 39,38%, este número escalou para 48,26% em junho de 2023, segundo dados do Banco Central (BACEN, 2023).

Diante do complexo panorama socioeconômico atual, economistas propõem uma ampla gama de soluções que passam por reformas micro e macroeconômicas, incentivos governamentais (ou a retirada deles) e outros projetos derivados de abordagens ortodoxas ou heterodoxas da Ciência Econômica. No entanto, essas propostas frequentemente parecem ser medidas paliativas que não abordam as causas subjacentes da desigualdade socioeconômica brasileira. Será que não estamos diante de um desafio que exige uma abordagem mais integrada, tal como um pacto social voltado para a redução da pobreza e miséria que assola o país?

Nesse contexto, o livro “Realmar a Economia” se destaca ao procurar respostas para essa questão, inspirando-se na convocação feita pelo Papa Francisco para alcançarmos uma economia mais justa e

¹ Bacharel em Ciências Econômicas (UFSM). Doutoranda em Economia (UNISINOS). Professora na Universidade Franciscana - UFN. E-mail: taize@ufn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5199-3714>

inclusiva. Em 1 de maio de 2019, dia dos Trabalhadores, o Papa Francisco emitiu um chamado aos jovens para que refletissem e propusessem modelos econômicos alinhados com os valores exemplificados por Francisco de Assis. O encontro presencial entre jovens e o Papa deveria ter sido realizado em Assis, na Itália, em março de 2020. No entanto, devido a pandemia, foi transferido e ocorreu em 2022.

Ainda em 2019, mesmo ano da convocação do Papa, foi criada no Brasil a Articulação Brasileira pela Economia de Francisco e Clara (ABEFC). É interessante notar que o movimento brasileiro incluiu Clara de Assis no projeto, na medida em que Clara também dedicou sua vida ao bem comum, sendo uma representante da importância das mulheres para o êxito desse projeto.

Nesta resenha iremos apresentar brevemente alguns pontos abordados no livro “Realmar a Economia”.

1. O livro é resultado dos estudos do Grupo de Reflexão e Trabalho para a Economia de Francisco e Clara - Anima, da PUC Minas. A organização é do professor Eduardo Brasileiro. A obra foi organizada em três partes: I - Novos paradigmas: caminhos, territórios, sujeitos(as) e práticas; II - O encontro, a festa, a colheita; e III) O pacto e o nosso futuro comum. O livro conta com dezesseis artigos e é finalizado com os discursos de Francisco para a temática da Economia de Francisco e Clara.
2. A apresentação do livro foi escrita por Dom Walmor Oliveira de Azevedo, atual Arcebispo da Arquidiocese de Belo Horizonte e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (2019-2023). Em sua apresentação, Dom Walmor destaca um versículo chave da Primeira Carta de São João (4,16), que afirma: “Deus é amor”. Baseado nesse princípio, ele argumenta que o amor, e não o dinheiro, deve ser colocado no centro da nossa vida. O prefácio foi escrito por Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães, bispo auxiliar de Belo Horizonte e presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação da CNBB (2015-2023). Dom Joaquim explica que o livro traz reflexões de jovens, professores, ativistas sociais, agentes de pastoral e políticos, que desde 2019, se empenham em pensar em um novo pacto econômico para a humanidade.
3. A Parte I (Novos paradigmas: caminhos, territórios, sujeitos(as) e práticas) conta com quatro textos. No primeiro deles, “Realmar a Economia de Francisco e Clara e a libertação da Economia”, Eduardo Brasileiro defende haver necessidade de estabelecer um novo pacto econômico, almejando libertar a economia da “jaula de aço do capitalismo neoliberal”. Em sua visão crítica, a economia do mercado atual compreende tudo à sua volta como um recurso com potencial de ser explorado e se configura em um ambiente onde a população disputa o orçamento público, contudo, quem determina as regras fiscais são os mercados ou grupos de interesse com poder de *lobby* nas esferas legislativa e executiva do governo. Inspirado pelas ideias do economista brasileiro Celso Furtado, o autor afirma que a reformulação da economia necessita da sinergia de dois componentes. Em primeiro lugar, aponta para a necessidade de alinhar padrões de consumo com formas de produção regionais, como o fomento de agroindústrias locais e a promoção de uma economia solidária. Em segundo lugar, o autor destaca a importância de bancos de desenvolvimento comunitário, os quais seriam responsáveis por fornecer

crédito de maneira mais acessível. Diante disso, “realmar a economia” implica a adoção de um paradigma inovador na nossa relação com o dinheiro: viabilizar a geração de renda, mesmo na ausência de emprego, possuir serviços públicos universais e gratuitos como direito humano básico e propor novos critérios para a produção e sustentação da vida que transcende a lógica do mercado.

4. No texto “Clara de Assis e uma economia com alma”, Gabriela Nabozny, Marx dos Reis, Fátima Ribas e Talita Guimarães explicam que o Brasil foi o primeiro país que articulou o debate em torno de uma Economia de Francisco e Clara. Para os autores, podemos nos inspirar em Clara de Assis a fim de propor uma nova economia, para fora da segurança de um sistema econômico que protege poucos e concentra renda, aprofundando as desigualdades.
5. No terceiro artigo, “Claras e Franciscos, reconstruam minha casa, que está em ruínas”, Peterson Prates, Gabriela Consolaro e Pe. Wilson Groh relembram que a exploração do sistema feudal do tempo de Francisco foi substituída por um sistema também perverso, representado por um rentismo infértil e multiplicação do dinheiro sem produção. A esperança e a tentativa de viver dignamente foi sequestrada pelo desemprego, precarização e uberização dos trabalhadores. Neste texto, os autores explicam que as Casas de Francisco e Clara (CFC) atendem ao chamado do Papa Francisco, como forma de estabelecer um pacto que mude a economia atual.
6. No quarto texto da Parte I, “Territórios e ecologia integral, caminhos de bem viver”, Elis dos Santos, Bárbara Borum-Kren e Andrei Oss-Emer argumentam que o bem viver acontece quando há respeito à diversidade e que a ganância pelo lucro e pelo poder, levou a humanidade a se desconectar do cosmo (Casa Comum) ao desconsiderar que a natureza é parte integrante de nosso ser. As comunidades indígenas podem apontar direções no caminho da sustentabilidade, a partir de diferentes formas de viver nos territórios, em conformidade com a Economia de Francisco e Clara.
7. A Parte II - O encontro, a festa, a colheita - inicia com o artigo “Mire na utopia: o Grupo de Reflexão e Trabalho para a Economia de Francisco e Clara da PUC Minas”, de Ramon Pereira. O título é uma provocação, no sentido de que é preciso mirar na utopia, para quem sabe, acertar em uma sociedade melhor. O autor explica que o Grupo nasceu em 4 de junho de 2021, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte, sendo formado por professores e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Neste contexto, para fazer com que a Economia de Francisco e Clara se configure numa alternativa de leitura de mundo, as estratégias são sintetizadas em “quatro luzes-guia”: (i) *formação para a Economia de Francisco e Clara* (fomento à pluralidade de pensamento e cognição dentro da universidade e estímulo e suporte à criação de núcleos para a Economia de Clara e Francisco em outras instituições de ensino e na sociedade em geral); (ii) *promoção de diálogo permanente e construção de redes* (com intuito de espalhar-se por diversas esferas da sociedade,

chegando a movimentos populares e organizações da sociedade civil, por exemplo); (iii) *produção, pesquisa e publicações* (produção e subsídios para a ação prática, a conscientização e formação da Economia de Francisco e Clara); (iv) *Economia de Francisco e Clara e sociedade* (compreendida como a concretização prática das estratégias anteriores).

8. Em “Rumo a uma economia dos sentidos”, Douglas Almeida argumenta que viver de forma ética e cuidadosa é primordial para a existência humana e se manifesta em todos os aspectos da vida. Uma abordagem ética da economia é aquela em que se considera o bem-estar de todos e se esforça para promover a paz e o bem comum. O autor propõe uma definição mais rica da economia, ao levar em consideração questões éticas, sociais e ambientais, além de puramente financeiras.
9. No artigo “O trabalho entre o neoliberalismo e o pensamento do Papa Francisco”, Aline Silva e Lucas Feres destacam que, para aqueles trabalhadores situados à margem das proteções oferecidas pelos contratos sociais tradicionais - conhecidos como precariado - a experiência laboral é caracterizada por múltiplas vulnerabilidades, como insegurança no emprego, ausência de proteção contra demissões, rendimentos incertos e limitadas perspectivas de avanço profissional. Normalmente, a entrada do trabalhador nesse segmento do precariado é mediada por formas flexíveis de emprego, como contratos de curta duração, trabalhos em tempo parcial ou contratação para projetos específicos. Contrapondo essa visão, o Papa Francisco enxerga o trabalho não apenas como um meio para ganhar a vida, mas como uma forma vital de intervenção humana no mundo e um veículo para o desenvolvimento pessoal. Neste contexto, tanto movimentos populares quanto o Estado têm a oportunidade de convergir em estratégias que visam reorientar o mundo do trabalho, para que ele atenda mais diretamente às necessidades sociais e individuais.
10. Em “Educar para as novas economias”, Ana Alves, Augusto Martins e Ricardo Nascimento argumentam que é fundamental para o desenvolvimento econômico, educar a população para lidar com as finanças pessoais. Entretanto, é importante compreender que a educação financeira não deve ser dissociada de uma crítica fundamentada ao modelo econômico vigente. Ela deve atuar como um instrumento para a humanização e não apenas como um guia para a acumulação de riqueza. Os autores descrevem o projeto “Educação financeira para a vida”, que teve desdobramentos em cursos de capacitação e um *podcast*. Para eles, o Pacto Educativo Global e a Economia de Francisco e Clara são movimentos inovadores e de resistência política.
11. No último artigo da Parte II, “As organizações produtoras da Economia de Francisco e Clara”, André Souza e Marcela Vieira, apresentam uma reflexão, em especial, a partir da experiência da Cáritas Brasileira, que atua há mais de 40 anos no país. Os autores argumentam que o sistema capitalista neoliberal tende a moldar um tipo de cidadão voltado para o individualismo e a meritocracia, que busca incessantemente por competição, consumo e acúmulo de bens.

12. Na parte III (O pacto e o nosso futuro comum), Frederico Rick escreveu o artigo “As economias dos movimentos populares” e explora os vínculos do Papa Francisco com esses movimentos. O autor reúne e analisa diferentes documentos eclesiais, encíclicas e iniciativas que resultaram no projeto Economia de Francisco e Clara. Para Rick, a sociedade precisa compreender que a economia que temos é produto de decisões políticas e econômicas de um sistema que “exclui, degrada e mata”. O Papa Francisco convida para uma conversão ecológica, no qual o cuidado com a vida humana e a natureza é a principal preocupação.
13. Na sequência, o texto “Cidades com alma” de Silvana Bragatto e Célio Turino, traz um programa para as cidades inspirado na Economia de Francisco e Clara. Para os autores, é preciso (i) *reindustrializar as cidades pela economia circular* (indústria ecológica, limpa, apoiada na transição para energias renováveis), (ii) *fomentar a economia do cuidado com a Casa Comum* (o cuidado com a cidade que moramos deve ser foco permanente), (iii) *direcionar compras públicas para cooperativas e empreendimentos de economia solidária, micro e pequenas empresas*, (iv) *incentivar o trabalho de agentes comunitários para a transformação local*, (v) *aprimorar a regulamentação e política para saneamento, energia e comunicação*, e (vi) *buscar transição energética para ter cidades com baixa emissão de carbono*.
14. No artigo, “A busca da igualdade na vida das cidades”, Roberto Normando afirma que no Brasil, além dos abismos econômicos, é preciso superar a cultura autoritária da superioridade. Precisamos de uma cultura democrática, de igualdade. Mas, para isso, é preciso reconhecer nossas dívidas históricas originadas em um regime escravocrata, que perdurou por mais de trezentos anos no país. É por isso que uma luta por igualdade é uma luta antirracista. O autor também lembra que uma outra face da desigualdade é a distância entre homens e mulheres. Portanto, não há crescimento com justiça, se a sociedade permanecer profundamente desigual.
15. Em “A economia a serviço dos povos”, Bruna Carvalho e Giovana Rossi argumentam que o estado deve estar a serviço da vida e que a austeridade fiscal não serve ao bem comum. A história e a consolidação das estruturas sociais mostram que na América Latina e Brasil, há a reprodução de uma lógica de dependência e continuidade de desigualdades sociais e econômicas. Por isso, as políticas públicas têm um importante papel para o alcance de um crescimento com equidade. A política fiscal é um instrumento fundamental para mitigar as desigualdades inerentes à economia de mercado. É relevante, em especial, nos períodos de recessão, quando o aumento dos gastos públicos pode estimular a geração de emprego, incrementar a renda e dinamizar a atividade produtiva.
16. No texto “O compromisso com uma sociedade pós-extrativista: o chamado ao desinvestimento em mineração”, Guilherme Cavalli defende que o modelo extrativista é uma modalidade de produção que leva a maior dependência do mercado internacional e à destruição das bases vitais ecológicas. A mineração está na origem do sistema capitalista, no entanto, é preciso colocar a

dignidade humana de volta ao centro de nossa prioridade, além de construir estruturas sociais sobre o pilar da Economia de Francisco e Clara.

17. No último artigo da Parte III, “O que fazer? Desafios dos movimentos populares à Economia de Francisco e Clara”, Kelli Mafort explica que é uma contradição termos milhares de pessoas sem teto, sem terra, sem trabalho e sem comida, ao mesmo tempo em que o agronegócio controla a exportação de alimentos para diversos países. No entanto, isso pode ser explicado ao sabermos que pelo menos 70% da produção de alimentos consumidos no país têm origem na agricultura familiar e camponesa.

Posteriormente, o organizador da obra incluiu os discursos do Papa Francisco sobre a Economia de Francisco. São três mensagens proferidas entre 2020 e 2022. Houve dois eventos virtuais (novembro de 2020 e outubro de 2021) e um encontro presencial na cidade de Assis, em setembro de 2022.

Finalmente, são apresentados os dez princípios da Economia de Francisco e de Clara, que são: (i) cremos na ecologia integral; (ii) cremos no desenvolvimento integral; (iii) cremos em alternativas anti-capitalistas; (iv) cremos nos bens comuns; (v) cremos que “tudo está interligado”; (vi) cremos na potência das periferias vivas; (vii) cremos na economia a serviço da vida; (viii) cremos nas comunidades como saída; (ix) cremos na educação integral; e (x) cremos na solidariedade e no clamor dos povos.

Todos os artigos da obra tem uma preocupação fundamental: é preciso repensar o modelo econômico atual, que aumenta as desigualdades existentes e condena parte da população à falta de oportunidades e à pobreza. É justo que a riqueza gerada pelo trabalho seja repartida de forma a não faltar alimento, moradia e lazer para todos.

Os textos não destacam apenas os problemas gerados pelo sistema econômico capitalista, mas também propõem soluções. Estas últimas focalizam a relevância do engajamento comunitário e da responsabilidade coletiva pelo bem-estar do nosso ambiente compartilhado, a nossa “Casa Comum”. Por isso, essa obra é tão importante para reflexão não só dos jovens, mas para todos que almejam um país com menores desigualdades e oportunidades iguais para toda população brasileira.

A Economia de Francisco e Clara representa uma iniciativa que merece ser amplamente discutida, particularmente no âmbito das instituições de ensino. O objetivo é familiarizar, em especial os jovens, com abordagens empresariais e econômicas que estejam em sintonia com a filosofia franciscana, bem como estimular a geração de novas concepções sobre como o trabalho pode criar oportunidades inclusivas para todos.

Como sugestão para futuras publicações do Grupo, seria valioso se os autores considerassem lançar um novo livro focado em estudos de caso, que explorassem empreendimentos ou projetos específicos que estejam alinhados com os princípios da Economia de Francisco e Clara. Essa obra servirá como um complemento prático ao atual estudo teórico e oferecerá uma visão mais concreta e aplicada de como a filosofia franciscana pode ser implementada de maneira eficaz no mundo dos negócios e na sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL - BACEN. **Endividamento das famílias com o Sistema Financeiro Nacional em relação à renda acumulada dos últimos doze meses (RNDBF)**. Sistema Gerenciador de Séries Temporais. 2023. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco**. Visita a Assis por ocasião do evento “Economy of Francesco”. Assis, 24 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/september/documents/20220924-visita-assisi.html>. Acesso em: 28 ago. 2023.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO - FJP. **Déficit habitacional no Brasil por cor ou raça 2016-2019**. Diretoria de Estatística e Informações. Belo Horizonte: FJP, 2022. Disponível em: <https://fjp.mg.gov.br/deficit-habitacional-no-brasil/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR - PENSSAN. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil: II VIGISAN: relatório final**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert: Rede PENSSAN, 2022. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023.